



**Centro de Competências das Ciências Sociais
Curso de Educação Básica**

Unidade Curricular de Iniciação à Prática Profissional VI
3º Ano / 2º Semestre

Docente: Guida Mendes

Discentes: Catarina Alexandra Jesus Sousa

Reflexão: A Educadora que eu almejo ser

“ Se não tens uma aldeia, meu filho,

parte em busca dela:

um menino não pode viver sem a sua aldeia.”

(João dos Santos)

A satisfação profissional é uma meta que só se consegue alcançar através de um acordo connosco próprios. Lado a lado, vão-se edificando no “terreno” de cada (futuro) professor os saberes indispensáveis às exigências profissionais, assim como o seu ajustamento a cada indivíduo. Sendo cada professor/educador um indivíduo único, com história, interesses e objectivos diferentes e específicos, esta construção é um percurso individual de construção de sentidos que se desenrola e resulta em diferentes interpretações da própria acção educativa.

Ao longo da minha Prática Pedagógica, questões que deveriam ir sendo clarificadas, como “o que é ser professora?”, “o que é ser educadora?” ou “que educadora quero ser?”, foram, ao contrário do que esperava, se densificando e, quanto mais reflectia, mais perguntas me fazia, sem aparentemente encontrar uma resposta clara e lúcida, como desejaria. O caminho até ser educadora deveria iniciar-se exactamente com os próprios educadores, na medida em que deveriam compreender o seu lugar, as suas metas, para, enfim, ter para onde ir.

A frase antiga “o que o professor é, ele transmite” continua actual, e remete-me para a importância da formação dos futuros professores e educadores. No contexto da educação, a vivência aparece como uma personagem principal na “formação de pessoas capacitadas a lidar artesanalmente com crianças. Os educadores são os porta-vozes de

uma visão de mundo, transmissores de comportamentos, interferindo directa e activamente na construção de seres individuais e sociais” (Derdyk, 2010, pg. 19)

Sendo os educadores de infância profissionais responsáveis pela organização de actividades educativas, com vista à promoção e incentivo do desenvolvimento físico, intelectual, emocional e afectivo das crianças, com certeza contribuem para a descoberta da sua individualidade, da sua identidade, sendo parte determinante do crescimento. Faz parte da responsabilidade do educador, a fim de conseguir dar uma resposta a todas as dimensões da criança, a procura consciente das suas próprias dimensões, sendo, em certa parte, impossível separar o mundo pessoal do educador do seu mundo profissional, e este do mundo da criança.

Esta reflexão permanente deve fazer parte de um educador? Far-me-á aproximar da educadora que quero ser? Acredito que sim. À resposta à pergunta que dá título a esta reflexão, dou por mim numa viagem no tempo, ao encontro das educadoras, das professoras, das crianças, que, de uma forma ou de outra, me fizeram, e fazem, construir a imagem que projeto de mim própria, presentemente enquanto educanda, e num futuro próximo, enquanto educadora ou professora, decisão que ainda não tomei. Vasconcelos (1997, 55) citando Freud fala em “olhar para as mesmas coisas vezes sem conta até que elas comecem a falar por si”, referindo-se ao processo reflexivo resultante da observação feita a uma educadora, Ana, reflexão essa que, segundo Vasconcelos, é indissociável dos seus próprios sentimentos, pois gira “em torno da tentativa de tornarem significativo o mundo (...)” (Vasconcelos, 1997, 52)

Todos nós temos memórias da nossa infância, recordando, com mais ou menos carinho, os professores e educadores que fizeram parte da nossa vida. Nessa acepção, e na linha de pensamento de Vasconcelos (1997), concordo que toda e qualquer observação, feita ao longo da minha vida, é reflectida por mim, hoje, almejando um entendimento maior, em ordem a encontrar referências que me orientem ao longo do meu percurso. Tudo é motivo para pensar, perguntar, olhar para trás e para a frente (como se a atravessar um semáforo), e queira absorver, sempre que possível, o máximo de informações para tornar mais consistentes todas as minhas opções no âmbito educativo.

Foi entre pensamentos e reflexões “no terreno”, que encontrei o livro de Vasconcelos (1997), com uma Ana lá dentro, que de imediato me despertou para um lugar muito especial, que não poderia nunca deixar passar despercebido. Entre a espiral do Dewey, que à muitos anos me deslumbrou, as peças do puzzle da sala de aula da

Anaque, geométricas, se encaixam, mesmo que na imprevisibilidade, e a voz (sábia) de Vasconcelos a observar e a cimentar (com) tanto conhecimento, serenei as minhas inquietações. Geertz citado por Vasconcelos (1997,pg. 252) afirma, “nós não podemos viver as vidas dos outros: tentá-lo é apenas um exemplo de má-fé. Tudo que podemos fazer é ouvir aquilo que eles, por palavras, imagens e accções, têm a dizer das suas vidas”. E a Ana, citada por Vasconcelos, (1997) diz, “para sermos felizes, realizadas, precisamos de alegria. Para ter alegria, preciso de ter coisas que gosto de fazer (...) tenho esta necessidade de pensar que aquilo que acontece não é o fim. Gosto de ver as pessoas felizes.”

Apenas porque me emocionaram as palavras, e as pessoas, que encontrei dentro de um livro, achei (senti) que o devia dizer. Talvez dizer para mim. Voltar ao princípio e àquilo em que sempre acreditei, as crianças, e perceber que por vezes a resposta está lá, na simplicidade de ver o mais simples.

Referências

Derdyk, E. (2010). Formas de pensar o Desenho. Porto Alegre: Zouk Editora.

Vasconcelos, T. (1997). Ao Redor da Mesa Grande. Porto: Porto Editora.